

Visão Panorâmica ou Memória Sintética na Iminência da Morte



Ernesto Bozzano

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Ernesto Bozzano

Visão panorâmica ou memória sintética na iminência da morte

*Ernesto Bozzano - Della "Visione panoramica" o "Memoria sintetica" nell'imminenza della Morte
Tipografia Dante, Città della Pieve
(1931)*



George Seurat - Port-en-Besson, Entrance to the Harbor



Conteúdo resumido

Ernesto Bozzano nos leva a conhecer diversos tipos de casos onde a proeminência da morte está por acontecer e durante a crise de separação do espírito e do organismo somático, aonde se passam, diante da visão espiritual do agonizante, como em "visão panorâmica", isto é, na sucessão mais rápida e quase instantânea, todos os episódios da vida terrestre do moribundo. Eles desfilam em ordem regular, seja

em sentido inverso, seja em sentido direto, começando então na primeira juventude e chegando aos últimos dias da vida, e se apresentam objetivamente, em forma "pictográfica".

Sumário

Visão panorâmica ou memória sintética na iminência da morte.

1.º categoria - Casos de "visão panorâmica" acontecidos na iminência da morte ou em perigo de vida.

Caso I

Caso II

Caso III

Caso IV

Caso V

Caso VI

Caso VII

Caso VIII

2.ª categoria - Casos em que a "visão panorâmica" acontece com pessoas sãs, sem a ocorrência de perigo de morte.

Caso IX

Caso X

Caso XI

Caso XII

3.º categoria Casos de espíritos comunicantes que afirmam ter passado pela experiência da "visão panorâmica"

Caso XIII

Caso XIV

Caso XV

Caso XVI

Caso XVII

Caso XVIII

Conclusões

Visão panorâmica ou memória sintética na iminência da morte

Ensinam as escolas ocultistas que, durante a crise de separação do espírito e do organismo somático e, algumas vezes, quando o "laço fluídico", que une o espírito ao corpo, já rompeu, passam, diante da visão espiritual do agonizante, como em "visão panorâmica", isto é, na sucessão mais rápida e quase instantânea, todos os episódios da vida terrestre do moribundo. Eles desfilam em ordem regular, seja em sentido inverso, seja em sentido direto, começando então na primeira juventude e chegando aos últimos dias da vida, e se apresentam objetivamente, em forma "pictográfica", de modo que o percipiente verifica enfim, plenamente, o que foi, em um conceito que lhe falta, a sua vida corrente.

Além disto, as ditas escolas ocultistas são acordes em afirmar que, raramente, tal "primeira visão recapitulativa" provoque, no vidente, sensações profundas de satisfação ou de remorso, e acrescentam que assim é para conter o risco de que sentimentos emocionais sejam obstáculos ao desenrolamento regular dos quadros figurativos da vida decorrida. E, sempre a crer nos ocultistas, todos os acontecimentos da vida escoada, emergindo integralmente perante a visão espiritual dos moribundos, estão gravados, em traços indelévels, no "corpo astral" e aí constituem um Grande Livro de Créditos e Débitos espirituais que ele deverá liquidar, inexoravelmente, numa nova existência. E

assim, nos primeiros tempos se apresentará uma segunda vez ao espírito, então desencarnado, a mesma visão panorâmica de suas recordações. E, nesse momento, ele os considerará com um critério de julgamento penetrante, plenamente capaz de apreciar, desde que o espírito esteja em estado conveniente para fazer a avaliação dos efeitos em relação às causas, engendradas por suas próprias ações, durante a existência terrestre. Acontece, nesse momento, que experimenta satisfação muito pura em todas as vezes que os quadros pictográficos lhe apresentam os esforços que ele fez para o elevar-se. Ao contrário, experimenta remorso e diminuição profunda à vista dos símbolos objetivos que lhe recordam suas fraquezas e a seqüência das suas faltas. Não existe mais, nesse instante, para ele nenhuma ilusão possível. Quanto mais vivazes são as imagens que ele considera, tanto mais eficaz e intensiva é a reação do espírito e, proporcionalmente, tanto mais depressa são dissipadas suas baixas inclinações. O resultado dessa revisão do passado pode contribuir para abreviar, na medida do arrependimento, a duração das sanções.

Tais são os ensinamentos das escolas ocultistas. Convém notar que sua afirmativa concernente ao reaparecimento, em "vista panorâmica", de todos os aspectos da vida, no momento da morte, longe de ser opinião estritamente teórica e de ordem fantástica, tem o caráter de fato cientificamente reconhecido, apoiado que está em grande número de observações incontestáveis. Esta certeza, de resto, tem sido aceita sem reserva, mesmo pelos representantes da psicologia oficial. Entretanto, concebe-se que eles expliquem o fenômeno de modo bem diferente do que o fazem os ocultistas. Suas interpretações, de natureza rigorosamente

psicológica, parecem racionais e legítimas, ainda que sejam puramente formais e bem pouco substanciais, assim como ficam bem longe de resolver o problema, o que, aliás, não afirmam os homens de ciência. Ora, proponho-me a analisar os fenômenos de que se trata, considerando-os nas suas íntimas relações com a existência latente, na subconsciência humana, de outras faculdades supranormais, de natureza multiforme, e desejaria tentar estabelecer uma relação entre esta categoria de fatos e os novos conhecimentos adquiridos no que concerne ao processo de separação do espírito do organismo corporal.

Entre os primeiros que se interessam pelas manifestações deste gênero, importa citar os fisiologistas ingleses, professores Forbes, Winslow e Munk, assim como o Dr. Feré e o Professor Th. Ribot, na França. Este último, na sua monografia *Les maladies de la memoire* (As doenças da memória), pág. 141, exprime-se nestes termos:

"A excitação geral da memória parece depender exclusivamente de causas fisiológicas e, em particular, da rapidez da circulação cerebral... Existem várias narrativas de afogados, salvos de morte iminente, que concordam neste ponto que, no instante em que começava a asfixia, lhes pareceu ver, em um momento, a sua vida inteira nos menores incidentes. Um pretende que lhe pareceu ver toda a vida passada se desenrolando em sucessão retrógrada, não como simples esboço, mas com detalhes bem preciosos, formando panorama de sua existência inteira, de que cada ato era acompanhado de um sentimento de bem e de mal". Em circunstância análoga, "um homem de espírito notavelmente lúcido atravessava uma estrada de ferro no momento em que o trem chegava a toda velocidade. Ele não teve senão o

tempo de estender-se entre as duas fileiras de trilhos. Enquanto o trem passava por cima dele, o sentimento de perigo lhe trouxe à memória todos os incidentes de sua vida, como se o Livro do Juízo tivesse sido aberto diante de seus olhos".

Tal como se vê, segundo o Professor Th. Ribot, o fenômeno da "visão panorâmica" na iminência da morte seria determinado "exclusivamente por causas fisiológicas e, em particular, pela rapidez da circulação cerebral". Teoricamente falando, não há nada de inverossímil em tal interpretação dos fatos ainda que se conheçam numerosos episódios inconciliáveis com esta hipótese.

O Dr. Feré limita-se a apontar uma analogia presumida entre os fenômenos da "visão panorâmica" e "certas rememorações que se produzem nos epilépticos antes da crise e que constituem uma forma de aura intelectual". Nada de mais inverossímil nesta analogia, ainda mais porque, na verdade, nada explica nem implica.

Já Victor Egger escreveu:

"Se a morte sucede imprevista e súbita, não se tem tempo de se pensar, de traduzir seu "eu" em conceitos e proposições; talvez também o pensamento propriamente dito fique como que paralisado pela rapidez do acontecimento. Vê-se, então, simplesmente sob a forma concreta de uma série de recordações visuais, de que cada uma tem um sentido profundo e cujo conjunto resume a vida que se viveu... O afluxo das lembranças, quaisquer que sejam a ordem e o número, significa o "eu" que vai acabar e, se o passado surge assim na consciência, é que ele é chamado pela idéia subitamente concebida da morte iminente." (Revue Philosophique, 1896, vol. 1, pág. 30).

A hipótese de Egger poderia ser uma explicação essencialmente psicológica dos fatos. Segundo ela, a idéia da morte iminente faria afluir, por contraste auto-sugestivo, recordações integrais da existência percorrida, mas, na verdade, não se saberia adivinhar por qual misterioso laço causal o fato é determinado, visto que uma pessoa sã que, de imprevisto, se ache em perigo de morte, é assaltada por bem outras preocupações que as de evocar recordações de seu passado. Aqui falta, em suma, todo laço lógico e plausível para unir a causa em ação e o efeito presumido.

O Dr. Sollier declara por sua vez:

"Creio, então, que o mecanismo da rememoração, nos casos de síncope por esgotamento, podendo terminar pela morte, é idêntico ao da rememoração, da regressão da personalidade, na histeria, sob a influência do despertar cerebral. A única diferença é que, no caso de esgotamento cerebral, o potencial é normal e cai da normalidade a zero, ao passo que, na histeria, ele está abaixo do normal e volta para o seu máximo, mas o resultado é o mesmo, porque, em ambos os casos, o cérebro apresenta sucessivamente todos os estados pelos quais já passou, e é a essa sucessão de estados que é devida a sucessão mesma das imagens dos estados de personalidade na ordem exata em que se produziram; que essa ordem seja a mesma ou a inversa pouco importa, aliás, ao porto de vista da fisiologia cerebral e da compreensão das relações entre o estado cerebral e o estado psicológico. Quanto à questão da rapidez, ela não tem absolutamente qualquer valor, tal como expliquei mais acima." (Bulletin de l'Institut général psychologique, 1903, pág. 51).

A hipótese do Dr. Sollier deixa perceber as modalidades pelas quais, verossimilhante, é determinado o fenômeno da

rememoração nas relações com o organismo cerebral e esta concepção é tanto mais válida quando ela corresponde às verificações que se fizeram nos casos de experiências hipnóticas, tocantes à regressão da memória.

Estas explicações dos fisiologistas e psicólogos, todavia, encaradas em seu conjunto, parecem bem insuficientes e baseadas em simples presunções ou analogias, muito provavelmente errôneas. Fossem elas, aliás, formuladas com brilho, não forneceria ainda a solução do problema, considerando que tendem exclusivamente em afirmar a existência presumida de um paralelismo psicofisiológico nos fenômenos de visão panorâmica, paralelismo que ninguém, até hoje, põe em dúvida. A verdadeira equação a resolver não consiste nisto: ela consiste no fato de que as manifestações espontâneas da visão panorâmica concorrem - de modo resolutivo - para demonstrar a existência latente, na subconsciência humana, de uma memória integral perfeita e indelével, constatação de fato absolutamente inconciliável com postulados da morfologia, da fisiologia, da psicologia. Na verdade, tais postulados se mostram inconciliáveis com este outro fato colateral: a existência latente, na subconsciência humana, de faculdades supranormais dos sentidos, independentes das leis da evolução biológica.

O eminente filósofo Bergson não deixou de se preocupar com os fenômenos aqui considerados. Se a explicação sugerida por ele pode parecer pouco clara e pouco concludente, pelo menos o desenvolvimento dos argumentos que a precedem é dos mais notáveis. Vê-se destacar dele o ponto de vista em que se coloca Bergson para penetrar o mecanismo da memória, ponto de vista em tudo conforme ao que será exposto no decorrer destas páginas.

Diz ele:

"Inúmeros fatos parecem indicar que o passado se conserva até em seus menores detalhes e que não há esquecimento real. Todos devem lembrar-se de que os afogados e os enforcados, logo que foram restituídos à vida, declararam ter tido, em alguns segundos, a visão panorâmica da totalidade de sua vida passada. Poderia citar outros exemplos, porque a asfixia não representa nada no fenômeno, apesar do que se tem dito. Um alpinista jazendo no fundo de um precipício, um soldado em torno do qual surge de repente uma saraivada de balas, terão, às vezes, a mesma visão. A verdade é que o nosso passado todo inteiro existe continuamente e que basta virarmos para trás para o perceber; apenas não podemos nem devemos voltar-nos. Não o devemos porque o mecanismo cerebral tem precisamente o papel, aqui, de nos ocultar o passado, de não deixar transparecer, em cada instante, senão o que pode esclarecer a situação presente e favorecer a nossa ação: é mesmo obscurecendo a totalidade de nossas recordações, salvo o que nos interessa e que o nosso corpo já esboça pela mímica, que ele faz ressurgir essa lembrança útil. Agora que a atenção à vida vem a enfraquecer um instante - não falo da atenção voluntária, da que depende do indivíduo, mas de uma atenção que se impõe ao homem normal e que se poderia chamar "a atenção da espécie" - então, o espírito, cujo olhar era mantido forçado para a frente, se detém e, pela mesma força, se volta para trás: a totalidade de seu passado lhe aparece. A visão panorâmica do passado é, pois, devida a um brusco desinteresse da vida, produzido, em certos casos, pela ameaça de uma morte súbita. Era precisamente em manter a atenção fixa na vida, a retrair utilmente o campo da visão

mental, que se achava ocupado até então o cérebro, tanto quanto o órgão da memória." (Annales des Sciences psychiques, 1913. pág. 326).

Assim se exprime Bergson. Diante destas considerações, deve-se convir que elas são filosoficamente muito sutis para serem de natureza a elucidar o enigma do ponto de vista das causas, psíquicas ou psicofisiológicas, determinantes do fenômeno que é aqui estudado. Estas considerações, porém, têm a mais alta importância no sentido de que salientam uma grande verdade: saber que nada some de nosso passado, que nos refulgos da subconsciência humana existe a memória integral, perfeita e indelével, e, mais, que a verdadeira função do mecanismo cerebral, nas suas relações com as funções de rememoração, é de nos ocultar o passado. São conclusões inovadoras, onde está contida, em gérmen, uma profunda verdade de ordem metapsíquica, que tudo concorre para uma demonstração fundamentada. Voltaremos, em tempo oportuno, a este argumento capital, citando outras claras afirmações bergsonianas.

Presentemente, há necessidade de passar em revista certo número de episódios circunstanciados, com relação ao assunto. Nós os observaremos com uma ótica que não será exclusivamente a da psicologia oficial, inteiramente insuficiente. Para dizer com mais precisão, nós os consideraremos nas suas relações com várias categorias de manifestações supranormais, de ordem similar, pois que também é verdade que a orientação da psicologia do futuro não pode se determinar senão nesta nova direção.

*

Começando a exposição de diversos casos, declaro, antes do mais, que os subdividi em três grupos distintos. No primeiro grupo, estão classificados os casos de visão panorâmica sucedidas na iminência da morte. No segundo, entram os episódios, bem pouco freqüentes, em que a visão panorâmica acontece com pessoas sãs, fora de qualquer perigo mortal. O terceiro reúne diversos incidentes no decurso dos quais a entidade, que se comunica por meio de um médium, conta, sem lhe ter sido perguntado, que assistiu, no momento da morte, a um espetáculo panorâmico que retrata a visão integral do passado vivido, afirmações bem freqüentemente feitas na presença de pessoas que ignoravam a existência de tal fenômeno. Se os episódios desta forma ainda não podem revestir certo valor científico, claro é, todavia, que mereçam registro com complemento necessário ao tema em estudo. E isto com maior razão, porque a existência real de manifestações deste gênero confere indiretamente certo valor probativo às afirmativas de médiuns quando essas manifestações se produzem sob o aspecto experimental supracitado.

Enfim, devo prevenir que, a meu pesar, não me será possível relatar, neste trabalho, mais que uma parte mínima dos numerosos casos assinalados pelos representantes da ciência oficial - salvo louváveis exceções - porque estes autores têm o desagradável e deplorável hábito de apresentar os casos sem documentação, sem se preocuparem de fazer conhecer os nomes dos protagonistas e em resumos absolutamente insuficientes para servir de fundamentos a uma teoria qualquer.

1.º categoria

Casos de "visão panorâmica" acontecidos na iminência da morte ou em perigo de vida.

CASO I - Tiro este caso de um artigo de Victor Egger (Revue Philosophique, 1896, vol. I, pág. 27). Está suficientemente relatado e se refere a quedas sofridas de montanhas.

"Eis agora um caso bem recente... o Sr. F., de Wysewa, analisou, recentemente, uma conferência feita, no Clube Alpinista de Zurich, por um sábio suíço, o Professor Heim, sobre as impressões experimentadas por turistas que sofreram quedas de montanhas e viram a morte de perto. O próprio Heim fora vítima de uma queda semelhante que lhe forneceu uma observação típica em torno da qual agrupou casos iguais colhidos da boca de diversos viajantes. Deste conjunto surgiram os seguintes fatos mais ou menos constantes nesta espécie de acidentes, desde o momento em que se perdeu o pé até ao em que se produziu o choque na queda física:

- 1.º - um sentimento de beatitude;
- 2.º - a anestesia do tato e do sentido da dor, a vista e o ouvido conservando a sua acuidade normal;
- 3.º - extrema rapidez do pensamento e da imaginação;
- 4.º - em inúmeros casos, a alma revê todo o curso de sua vida passada.

"Para narrar o que o que experimentei durante os breves instantes de minha queda, agora me exigiria uma hora inteira, quando nela todos os pensamentos e todas as

imagens me apareciam com extraordinária rapidez e clareza. Em seguida, vislumbrei todos os fatos de minha vida terrena que se desenrolaram diante de meus olhos em imagens inumeráveis."

*

CASO II - Eis um segundo exemplo de visão panorâmica, em consequência de queda. Descobri-o no livro de Camille Flammarion *Avant la mort* (Antes da morte):

"Conhece-se grande número de observações sobre a relatividade de nossas impressões referentes ao tempo, que não tem nada de absoluto. Meu saudoso amigo Alphonse Bué me contou muitas vezes, e sempre nos mesmos termos, a seguinte observação sobre a relatividade de nossas impressões sobre o tempo:

"Ele estava na Argélia e seguia, a cavalo, a margem de um precipício bastante profundo. Em consequência de uma causa qualquer, o cavalo deu um passo em falso e caiu no precipício, arrastando, na sua queda, o cavaleiro que, durante alguns segundos, esteve inconsciente. Durante essa queda, que não podia durar mais de dois ou três segundos, desenrolaram-se, clara e lentamente, no seu espírito, cenas, brinquedos infantis, a vida escolar, o curso na escola militar em 1848, a vida de soldado na guerra da Itália, no corpo de lanceiros da guarda imperial, nos carabineiros, no Castelo de Fontainebleau; os bailes da Imperatriz, nas Tulherias etc. Todo esse lento panorama se desenrolou a seus olhos em menos de 4 segundos, porque ele despertou imediatamente."

Trata-se, aqui, de um panorama que se desenrola, clara e lentamente, diante da visão espiritual do percipiente, mas

compreende-se bem que semelhante modo de falar é motivado pelas impressões do próprio perceptivo, impressão que, por sua parte, demonstra a relatividade de nossa concepção de tempo e, de outra parte, não impede que a visão tenha sido, na realidade, assombrosa e no espaço de alguns segundos.

*

CASO III - Vou citar alguns exemplos de visão panorâmica, acontecidos durante a asfixia por submersão, que são mais freqüentes na estatística do assunto aqui estudado. Escolho o seguinte caso na obra do Dr. Binns *Sleeps, Sensation and Memory* (Sonhos, sensação e memória):

"Um de meus amigos quis, em certo dia, aventurar-se ao mar alto, ainda que não fosse exímio nadador. Pouco depois, sentiu-se descontrolado e tomado de pavor. Os movimentos das braçadas não mais se coordenavam, e o nadador não sabia o que fazer. Então, gritou por socorro, embora não lhe restasse qualquer esperança de ser salvo. Subitamente, viu, num vasto panorama, toda a sua existência terrena, desde a primeira aurora de suas recordações infantis até o momento em que nadou para o mar alto. A história de sua vida lhe apareceu reunida em um todo no qual os mínimos incidentes estavam dispostos na ordem de sucessão em que se produziram, de tal maneira que com um só olhar, viu todos os dias de sua vida. Para ser mais preciso, direi que não se tratava de leitura, mas de uma visão total como se houvesse sido fotografada sob seus olhos ou pintada em relevo

luminoso, sob as aparências de maravilhoso panorama representativo de sua existência inteira."

Tanto neste caso como nos dois anteriores, nota-se que os perceptivos falam de uma visão panorâmica que se desenrola sucessivamente e com a maior rapidez perante sua vista espiritual, e que também falam de percepção completamente simultânea, isto é, efetivamente panorâmica. Qualquer que seja a circunstância e a forma da visão, a sucessão cronológica dos acontecimentos é precisa e infalível no quadro visualizado. Essas diferenças nas impressões experimentadas (sucessão ou simultaneidade) são facilmente explicáveis. Podem ter por origem ilusão consecutiva à extrema rapidez dos quadros que se desenrolam à vista do percipiente. Também temos o direito de pensar que elas podem corresponder a uma diferença na maneira de perceber. Admitida esta tese, é de crer que essas maneiras de registrar a visão provêm de uma idiosincrasia peculiar ao próprio percipiente. Quer dizer que, em uns, a "memória sintética" conserva ainda ligeira apreciação do tempo, tal qual nós o concebemos nas relações com as nossas sensações, ao passo que, em outros, a "memória sintética" funcionaria com esta absoluta simultaneidade que - como veremos - é a das percepções espirituais no ambiente essencialmente espiritual.

*

CASO IV - Hudson Tuttle, em seu livro *The arcana of Spiritualism* (Os arcanos do Espiritualismo) cita exemplos semelhantes de visão panorâmica, entre os quais o seguinte, relativo a um caso de asfixia por submersão:

"A experiência de John Lamont, que, durante 22 anos, foi presidente da Liverpool Psychological Society, é das mais interessantes, e larga foi a sua publicidade, especialmente no jornal Tino Worlds. Por três, vezes esteve em perigo de morte. Da primeira vez, quase se afogou: da segunda, foi num acidente de estrada de ferro e, da terceira, durante uma congestão pulmonar. No primeiro caso, depois de certa impressão de medo, não experimentou sofrimento algum e, ao contrário, reconheceu possuir extraordinárias faculdades espirituais ao mesmo tempo que, diante de sua visão espiritual, se sucedia, com a maior rapidez, todo o painel de sua vida, em projeção panorâmica. O fato mais espantoso é que ele podia analisar as próprias sensações, das quais a mais assombrosa consistia no fato de sentir-se viver em estado de desdobramento. Tudo se dissipou com a maior rapidez, porque salvaram-no a tempo e foi restituído à vida. Desse incidente, ele conservou profunda impressão, especialmente por interesse, visto que, nesse momento supremo, pôde verificar e analisar os poderes supranormais do espírito."

Neste caso, convém salientar a observação, altamente sugestiva, do fenômeno do desdobramento incipiente com aparecimento de faculdades supranormais subconscientes, fenômeno que se verificou simultaneamente com a visão panorâmica. O fato de poderem se combinar as faculdades e sensações supranormais com a manifestação visual tenderia a apontar a sua origem comum. Quer dizer que o fenômeno da "visão panorâmica" deveria ser considerado como um efeito do início de separação entre a "memória sintética" e o organismo cerebral, sendo esta desunião provocada pelo começo de separação do "corpo astral" (sede da memória

sintética ou espiritual) do organismo somático. Em suma, isto fica dito, no momento, a título de parêntesis porque eu me proponho a resolver esta sugestão, em termos úteis, nas minhas conclusões.

*

CASO V - Tratem os do seguinte exemplo, extraído do volume da Sra. De Morgan From Matter to Spirit (Da Matéria ao Espírito). O Almirante inglês Beaufort, em carta dirigida ao Dr. Wolloston, assim descreve, e de maneira bem típica, sua experiência pessoal de visão panorâmica consecutiva a uma asfixia por submersão:

"Muitos anos atrás, quando eu era ainda grumete a bordo de uma fragata de Sua Majestade, achava-me em Portsmouth, de volta ao meu navio, em minúsculo bote, e me dispunha a atracar, quando, com esse estouvamento peculiar à mocidade, pisei na borda do bote, que logo afundou. Caí na água e, como não soubesse nadar, inúteis foram todos os meus esforços para agarrar a embarcação. Ninguém percebera o acidente, até que, finalmente, uma corrente me arrastou para perto da fragata. Então fui descoberto por uma sentinela que deu o alarma e um tenente se atirou no mar, seguido de um sargento, que saltou da ponte, enquanto que um barqueiro se aproximava com a sua embarcação para me socorrer. Quando eles me arrancaram da água, eu me achava completamente exausto, havia bebido muita água e deixei que cuidassem de mim, sem dificuldades.

Lembrei-me de certa parte dos detalhes que vou fornecer, quando recuperei os sentidos, e a outra parte me foi contada pelas testemunhas. Compreende-se bem que uma pessoa, no

momento de afogar-se, está muito absorvida pela trágica situação em que se debate e, portanto, incapaz de anotar a sucessão dos acontecimentos. Não direi o mesmo para as circunstâncias que se seguiram ao instante em que eu desapareci na água, porque se produziu em minha mente verdadeira revolução, graças à qual as menores particularidades de minha vida terrena se imprimiram em caracteres profundos em minha memória, de acordo com as épocas em que as vivi. Desde o momento em que deixei de lutar pela minha salvação - esse abandono foi, assim o suponho, a consequência da asfixia - senti-me como que tomado por uma impressão de calma absoluta, em contraste com o tumulto de emoções por que acabara de passar. Poder-se-ia chamar esse estado de apatia, mas nunca de resignação. Ainda que eu estivesse consciente de estar me afogando, o acontecido não se me afigurava uma desgraça. Sem sombra de pesar, eu renunciara a toda a esperança de virem me salvar e não experimentei qualquer espécie de sofrimento físico. Bem ao contrário, subitamente as minhas impressões haviam tomado um caráter pacífico; elas participavam do sentimento confuso, mas delicioso, que precede o sono, quando o corpo está relaxado. Se os meus sentidos físicos, porém, se achavam inertes, Já o mesmo não acontecia com a mente, cuja atividade era centuplicada a ponto de desafiar toda descrição. Os pensamentos sucediam-se com tão vertiginosa rapidez que nem ao menos posso dar uma idéia aproximada deles, mas também seriam inconcebíveis a quem não se tivesse encontrado em circunstâncias semelhantes. Ainda agora revejo, bem claramente, a sucessão desses pensamentos em tal momento. No começo, foi a idéia do acidente em si, depois, o ato irrefletido que lhe dera causa. A

seguir, pensei na emoção que a minha infelicidade provocara a bordo, pois tive de observar que dois homens haviam pulado no mar. Depois, pensei na emoção que a notícia fatal causaria a meu pai e calculei os rodeios que empregariam para predispor minha família ao triste acontecimento. Enfim, houve mil circunstâncias minuciosas associadas às minhas relações familiares. Foram estes os primeiros pensamentos que sucederam em tropel, mas logo outros se lhes juntaram, que eram recordações: minha última viagem, terminada em naufrágio e, em seguida, a escola, os progressos que fiz nos meus estudos, o tempo malbaratado e todas essas pequenas coisas da mocidade. Em suma, cada incidente de minha curta vida se reanimava em ordem contrária, não com a brevidade da presente enumeração, mas numa representação vivida e perfeita em seus mínimos detalhes intrínsecos e colaterais. Em resumo, toda a visão de minha existência terrena desfilou diante de mim, à maneira de uma reconstituição panorâmica, e cada quadro parecia acompanhado de uma concepção do bem e do mal que ele continha, sem prejudicar as reflexões que eu pudesse fazer sobre as causas e as conseqüências das minhas ações. Também apareceram muitos outros incidentes insignificantes, há muito esquecidos e que eu revi com o frescor somente próprio aos fatos vividos na véspera.

Não será lícito deduzir deste relato a existência, em nós, de uma memória integral com a qual nós despertaremos em uma outra vida e pela qual seremos constrangidos - quer queiramos ou não - a contemplar todos os atos de nossa existência? E não demonstraria tudo isto a realidade da hipótese segundo a qual a morte nada mais é do que uma modificação do ser, a porta, em suma, pela qual passaremos para uma nova modalidade de existência, sem

estacionamento nem interrupção? Seja lá como for, a experiência por que passei me parece uma circunstância bem notável no sentido de que as inúmeras idéias, que se apresentaram à minha visão, se referiam todas a um espetáculo retrospectivo. Além disso, devo salientar que fui criado religiosamente e que as minhas esperanças e meus temores do Além nada haviam perdido de intensidade - quero dizer que a idéia de me encontrar no limiar da eternidade poderia ter provocado em mim um tumulto de emoções de ansiedade e terror - mas, pelo contrário, nada disto aconteceu. Quando estava cômico de não mais pertencer a este mundo, em nenhuma só ocasião o meu pensamento se orientou pela sorte que me aguardava. Eu estava completamente mergulhado no passado. Impossível me é avaliar o tempo preciso à sucessão dessa multidão de idéias, mas, indiscutivelmente, desde o instante em que, debaixo da água, a asfixia começara a sua obra até ao em que fui salvo, não deveriam ter passado senão dois minutos."

Pode-se depreender deste interessante episódio que o fenômeno da "visão panorâmica", experimentado pelo Almirante Beaufort, foi acompanhado da consciência do valor moral das visões que diante dele se desenrolaram, consciência que se nota em sete outros casos por mim colecionados, dos quais um foi citado no início deste trabalho. Mas, como a soma dos episódios que conheço atinge uma centena, esta proporção de "noção de consciência" prova que ela é bem rara. Viu-se, em nossa introdução, como as escolas ocultistas afirmam que a "visão panorâmica" nos moribundos raramente desperta sentimentos profundos de satisfação ou de remorso "para impedir o risco que os sentimentos emocionais possam

impedir o desenrolar regular dos painéis figurativos da vida transcorrida". O caso do Almirante Beaufort não contradiz semelhante afirmativa no sentido de poderem ser considerados como excepcionais os que raramente se produzem em percipientes cuja existência - quer pela sua mocidade, quer pelo temperamento - não se imunizou contra os excessos de toda a sorte. Efetivamente, nos casos em exame, não se faz, de modo particular, referência a fortes sentimentos emocionais experimentados sob a ação de uma consciência do valor moral inerente à visão da vida decorrida.

De todo modo, os fatos deste gênero não deixam de ser interessantes e sugestivos, concorrendo para demonstrar a significação transcendental da "visão panorâmica" nos moribundos, visão a que conferem o caráter de "exame de consciência", de desenvolvimento automático e fatal.

A observação do Almirante é notável:

"Ainda que eu estivesse consciente de estar me afogando, a aventura não se me afigurava como uma desgraça."

Este sentimento corresponde ao de numerosos enfermos que, após terem temido a morte até o momento em que a crise fatal os assalta, subitamente se tranqüilizam e, cheios de resignação sobre o seu estado, aguardam o fim sem queixume, por vezes, mesmo, alegremente, como se o fato de se encontrarem no limiar do Além lhes houvesse revelado grande verdade, isto é, que a morte é um bem e que este bem só tem aparência de um mal por efeito do instinto natural indispensável à conservação da espécie.

Saliento, finalmente, a importância teórica dos comentários com os quais o Almirante Beaufort termina a sua narrativa. Ainda que os fatos, a propósito de uma

experiência panorâmica, houvessem ocorrido há um século, o percipiente já estava habilitado a pressupor a existência, em nós, da "memória integral que sobrevém à morte do corpo" e isto demonstra a espontaneidade racional e inevitável desta conclusão.

*

CASO VI - Tomo o seguinte episódio de um relatório de experiências supranormais pessoalmente acontecido com uma doutora em medicina, conhecida íntima do Professor Hyslop. O presente relato foi publicado pelo Journal of the American Society for Psychical Research:

"Há dois anos fui submetida a uma grave operação cirúrgica, em conseqüência da qual os médicos declararam desesperados o meu caso, pois não esperavam meu restabelecimento. Eu me achava extremamente fraca e, quando me esforçava por falar, conseguia apenas balbuciar palavras confusas. A enfermeira estava ajoelhada à cabeceira de meu leito, orando pela minha alma. Subitamente, diante de meus olhos, desfilou toda a visão de minha vida, as contrariedades por mim suportadas e todos os erros que cometi nela; tudo isto desfilou diante de mim. Mas, ao mesmo tempo, eu percebia que tudo o que me havia acontecido, durante minha existência, fora para bem e tudo que sobrevém é providencial e salutar. Logo depois ouvi uma voz a me dizer: "Tu deverás voltar ao corpo." Certamente não o desejava, mas compreendi que era preciso obedecer. Foi por esta razão que me voltei para a enfermeira e sussurrei: "Levantai-vos, eu viverei!"

Este episódio apresenta sinais de afinidades com o anterior. De fato, verifica-se nele que a percipiente teve, também, a noção do valor moral da visão que desfilava diante de seus olhos, bem como a noção complementar de que todos os acontecimentos de sua vida foram produzidos para seu bem: princípio verdadeiro e moralmente justo. Por outro lado, compreende-se bem a importância da segunda circunstância, quando a sensitiva declarou: "Certamente não o desejava, mas compreendi que era preciso obedecer", declaração que se deve comparar com a do Almirante Beaufort quando este disse que a morte não lhe parecia uma desgraça. Há, entre as duas declarações, concordância de impressões que contribuem para consolidar ulteriormente as reflexões que fizemos a propósito de sentimentos similares por parte de moribundos.

*

CASO VII - Cito ainda dois exemplos relativos a pessoas gravemente enfermas, por abuso de morfina. O Dr. Sollier narra o seguinte caso na *Revue Philosophique*:

"O primeiro caso é o de certa moça morfinômana, gravemente atingida, que, no momento da supressão do tóxico, apresentou repetidos acidentes de síncope que facilmente lhe poderiam ter produzido a morte. Tinha a idéia muito clara de que ia morrer... Ao sair de síncope das mais graves, da qual fora arrancada graças à ministração de diversas doses de morfina, exclamou: "Oh! como eu volto de longe! Como me sentia tão bem!" E, a seguir, me contou que, no mesmo instante em que sentia fugir-lhe a consciência, experimentara extraordinário bem-estar, não

mais se reconhecendo na Terra, ainda que continuasse a ver e ouvir tudo, com extrema claridade, ao mesmo tempo que revia, numa espécie de panorama, de fantasmagoria, toda a sua vida passada. Mas os fatos não se desenrolaram em ordem cronológica, quer progressiva, quer regressiva, pois tudo lhe aparecera, ao mesmo tempo, no mesmo plano, por assim dizer..."

Também este caso reveste apreciável valor teórico no sentido de ter tido a percipiente, simultaneamente com o fenômeno da visão panorâmica, o sentimento de não mais se achar na Terra, de voltar de muito longe, de um ambiente em que se sentia feliz. Todas as expressões deixam presumir que na enferma havia se verificado a separação do "corpo astral" e do organismo somático. Apraz-me confrontar esta experiência com a de que falei no caso quatro, em que o percipiente afirma sentir-se existir em estado de desdobramento. Não se pode negar a eloquência sugestiva destas concordâncias de expressão por parte dos sensitivos, eloquência que, para qualquer pessoa suficientemente versada na matéria, por saber que os fenômenos de "desdobramento no leito de morte" se realizam efetivamente, concorre para fortalecer a observação supracitada, a saber: se os fenômenos da visão panorâmica se produzem ao mesmo tempo em que se realizam os de desdobramento com manifestação de faculdades supranormais subconscientes, isto significa, pois, que a "visão panorâmica" é conseqüência da desunião da "memória sintética" e do órgão cerebral, desunião correspondente ao começo da separação entre o "corpo astral" (sede da memória sintética ou espiritual) e o organismo somático.

*

CASO VIII - Eis o segundo exemplo de visão panorâmica sucedida com uma morfinômana. A observação é devida ao Dr. Sollier, que a publicou no Bulletin de l'Institut Général Psychologique:

"Trata-se de moça nervosa e sujeita a síncope, morfinômana de doses elevadas que caíra em alarmante estado de caquexia com complicação de albuminúria. Foi submetida a uma desmorfinização rápida. A supressão durava já vinte e quatro horas sem apresentar nada de particular, exceto as perturbações habituais - diarréia, vômitos biliosos, suores - quando subitamente, experimentou enorme sensação de esgotamento. Ao mesmo tempo sentiu violenta dor que comparou a um ferro em brasa que lhe tivesse atravessado a cabeça do vertex à nuca, dor muito curta e que diminuíram gradualmente experimentou em seguida uma sensação de bem-estar, de repouso e, de súbito, viu desenrolar toda sua existência. Foi como se todos os acontecimentos de sua vida tivessem sido impressos em filme que, diante dela, passasse de cima para baixo. Os acontecimentos sucediam-se na ordem inversa, de hoje até a idade de cinco anos ou menos. "Tudo o que tenho na cabeça, eu o vi", contava-me a paciente, com detalhes inauditos, acompanhados de vagas saudades e de impressões de saudade, nunca de alegria (verdade é que nunca os houve em minha vida), que cada imagem me fazia experimentar. Tudo era sombrio... As coisas apareciam em uma superfície plana, mas certos fatos de minha vida, as emoções, por exemplo, para mim se apresentavam em relevo: era como se estivéssemos a olhar três fotografias de pessoas que

conhecêssemos bem. Duas nos pareceriam planas e uma, a que muito amamos, nos pareceria mais clara e em relevo. . ."

Quando voltou a si, ela primeiro experimentou uma sensação de tédio por se achar aqui. Sentia-se amorfa, como se o corpo estivesse estendido no leito e ela em outro lugar. Só experimentava sentimento muito vago de si mesma... A partir desse instante, tornou-se completamente anestesiada... Por outro lado, apresentou alucinações "autoscópicas" muito nítidas, que terei ocasião de relatar neste mesmo Boletim."

No caso precedente, a percipiente descreve, de modo instrutivo, a própria experiência e sua descrição concorda com as outras, no que se refere às particularidades essenciais, diferindo, entretanto, nas particularidades secundárias, que não podem ser idênticas em cada caso, isto devido às idiossincrasias peculiares a cada percipiente.

Cumprido observar que a enferma experimentou por sua vez, "uma sensação de tédio por se encontrar aqui frase que exprime o desejo manifesto, nesse percipiente como em tantos outros, de permanecer no lugar em que havia sido transportada durante o momento de sua visão. Enfim, observo o sentimento de "desdobramento" traduzido nestas palavras: "Como se o corpo estivesse estendido no leito e ela em outro lugar", sentimento legítimo pelo fato de a mesma enferma, em outras circunstâncias da mesma doença, ter tido verdadeiras visões "autoscópicas" em correspondência com a mesma anestesia total de seu corpo. De tais visões, destacasse esta informação instrutiva que, à medida que certas partes de seu corpo recuperavam a sensibilidade perdida (ou, em outros termos, quando o elemento fluídico vitalizador do membro somático correspondente tornava a entrar função), ela via o seu próprio fantasma, privado desse

membro que aí acabava de readquirir sua sensibilidade, mas a percipiente não via nem seus braços, nem seus pés, e que ela agora sente quando são pinçados (ob. cit. pág. 49). Bem entendido, o Dr. Sollier explica correspondências semelhantes entre a sensibilidade renascente e a mutilação do fantasma "autoscópico", do ponto de vista restritivo da psicopatologia universitária mas, é evidente que as explicações deste gênero só podem ser parciais e ilusórias, visto se acharem desprovidas de bases fundamentais de todas as investigações neste domínio, bases que as disciplinas metapsíquicas são exclusivamente capazes de fornecer.

2.^a categoria

Casos em que a "visão panorâmica" acontece com pessoas sãs, sem a ocorrência de perigo de morte.

Fizemos observar, na introdução deste trabalho, que os casos pertencentes a esta segunda categoria são bem raros. De fato, só temos quatro exemplos deles. Na verdade, esta categoria não oferece valor teórico particular, porque, se o despertar da "memória sintética" se produz na crise que precede a agonia ou nas circunstâncias de acidente que põem a vida em perigo, não se diz que, por exceção, o mesmo fenômeno não possa acontecer com pessoas que estão de boa saúde, real ou aparente. Casos iguais excepcionais podem ser observados em não importa qual categoria de manifestações metapsíquicas de ordem intelectual. Dão-se fenômenos de telepatia, de telestesia, de clarividência no passado, no presente e no futuro entre pessoas aparentemente normais, seria, pois, de admirar-se que não se encontrassem pessoas

normais às quais não acontecesse terem "visões panorâmicas", visões que têm a origem - como os outros fenômenos supracitados - em um súbito impulso de faculdade supranormal subconsciente.

Isto dito, passemos à exposição dos casos.

*

CASO IX - No seguinte episódio, relatado por Myers e que eu tiro do vol. XI, pág. 355 dos Proceedings of the Society for Psychical Research, não se trata precisamente de "visão panorâmica", mas, sim, de brusca revivescência de um grupo de recordações remontando a anos da infância (hipermnésia) e com tal vivacidade que a percipiente se sente reviver em um passado esquecido.

A este propósito, a Sra. Clarkson Manning escreve, nos seguintes termos, ao Professor William James:

"Quando era ainda pequena, residia em Rochester (Estado de New York), e estava confiada aos cuidados de minha irmã mais velha. A noite, quando ia para a cama, ficava ela sentada na cabeceira até que eu adormecesse. Muitas vezes, porém, acontecia-me acordar e, como tivesse grande medo do escuro, eu a chamava com todas as minhas forças: - "Jessie! Jessie!" Ela acorria apressadamente, acalmava-me e permanecia junto de mim todo o tempo em que eu não reconciliasse o sono. Em 1875, fui residir com o meu marido, oficial do exército, em Fort Hartsuff, no Nebraska. Minha irmã residia, então, em Omaha, a uma distância de 300 milhas de minha casa. Certa noite de novembro, acordei durante um sono sem sonhos, com o sentimento de ser a filhinha que fora muitos anos antes.

Parecia-me residir ainda na casa paterna e estar ainda no meu quartinho e de me sentir sozinha no escuro. Levantei-me e sentei-me na cama, chamando em alta voz: - "Jessie! Jessie!" Meu marido, então, acordou e me perguntou o que me acontecera. Lentamente, dificilmente, custei a reconhecer o ambiente em que me achava, mas, para readaptar-me ao presente, tive que fazer um esforço mental considerável. Nesse momento, eu havia literalmente revisto toda a minha existência de criança, na casa de meus pais, e essa sensação era tão verídica, tão natural, tão real, que me vi desprovida de vocabulário conveniente para o descrever. Ainda mais, durante vários dias, não cheguei a libertar-me dessa estranha concepção de que era a menina de outrora, o que me parecia legítimo pelo fato de me ser possível recordar, nos mínimos detalhes, a visão de minha existência de criança, visão que eu havia há muito esquecido até esse dia. Na manhã do dia seguinte, escrevi à minha irmã contando-lhe a curiosa experiência, mas a minha carta cruzou com outra que ela me dirigira com a mesma data que a minha, carta na qual me narrava uma sua experiência pessoal, não menos extraordinária: na noite anterior, ela havia acordado, em sobressalto, pela minha voz que a chamara por duas vezes: - "Jessie! Jessie!" A realidade do fato era indubitável e seu marido fora abrir a porta, supondo que, de fato, eu estivesse lá. Minha irmã acrescentava que não se tratava de um sonho, pois que havia distintamente reconhecido a minha voz. Estava absolutamente certa de que ninguém, em volta dela e de sua família, a havia chamado nessa noite."

(O marido da pessoa que escreveu esta relação, Sr. W. C. Manning, a irmã, Sra. Jessie Clarkson Thrall, assim como o

marido dela, Sr. George Thrall, escreveram pra confirmar o texto que acaba de se ler).

Não se trata, aqui, de uma "visão panorâmica", mas de um caso de hipermnésia. Contudo, a identidade fundamental de ambos os fenômenos parece de toda evidência, pois que, nas duas circunstâncias, trata-se de revivescência de recordações do passado, recordações inteiramente esquecidas. Em outros termos, está-se na presença de uma reparação parcial da "memória sintética", com a existência de um período determinado do passado e a ressurreição muito vivaz de todos os acontecimentos colocados nesse período. A sensação persistiu alguns dias na consciência da percipiente. Era a consequência de um sonho? (o que, de resto, não modificaria o valor teórico do fato, tanto que provando a conservação integral subconsciente das recordações). Um sonho? Não, certamente, assim como atesta bem esse fato de o incidente ter provocado, à distância, manifestação telepática na casa de sua irmã Jessie, principal companheira da percipiente, em tempos recuados. Não podia tratar-se lá de sonho mais ativo que os sonhos habituais, mas da aparição de faculdades subconscientes, pois que a telepatia é função da subconsciência humana.

*

CASO X - O Dr. Justinus Kerner, em seu livro sobre a "Vidente de Prevorst", pág. 44, da versão francesa, assim se exprime:

"As bolas de sabão, os copos de vidro, os espelhos, provocavam a sua vista espiritual. Uma criança, tendo inflado uma bola de sabão, fê-la exclamar: "Ah! meu Deus.

Vi na bola de sabão tudo o que eu havia passado, algo remoto que se foi, e não em breve momento, mas em toda a minha vida, e isto me espanta."

Neste caso, a vidente estava em um estado absolutamente normal, se se pode falar de estado normal quando se trata de uma sensitiva excepcional como a "Vidente de Prevorst".

*

CASO XI - O Professor Frederic Myers, em sua obra sobre a "Consciência subliminal", narra este incidente:

"Do mesmo modo, nos casos de pessoas absolutamente sãs, podem acontecer subitamente irrupções de recordações persistentes, com detalhes há muito tempo passados e bem mais completos que os de que a percipiente teria podido, voluntariamente, fazer a recordação em sua memória. Um jovem oficial da marinha real conta essa experiência, de que foi protagonista, quando ele lia deitado na cama, em estado de absoluta vigília e na plena calma de seu espírito, assim: "Todo acontecimento, que me tinha acontecido desde o dia em que embarquei pela primeira vez, me passou diante dos olhos, como distribuído em um quadro: localidades, episódios, rostos e nomes de pessoas conhecidas: tudo, absolutamente tudo. Essa manifestação se prolongou por cerca de uma hora, depois da qual as imagens pictográficas se apagaram e nada restou delas salvo uma impressão visual confusa. Esse fenômeno exerceu sobre mim um efeito profundo, do qual experimentei como uma espécie de mal-estar durante dois anos." (Proceedings of the S.P.R., vol. XI, pág. 354).

Nesse episódio, é preciso salientar a circunstância de duração da manifestação: cerca de uma hora. Este detalhe, na realidade, não apresenta um significado teórico especial, pois que, uma vez admitida a existência, na subconsciência humana, de uma "memória sintética", pode-se presumir, a priori, que ela deveria emergir e se manifestar sob uma forma panorâmica, seja de uma maneira cronológica mais ou menos rápida, seja sob as aparências de um grupo orgânico de recordações.

*

CASO XII - Este episódio figura em uma relação das mais interessantes, publicada pelo Professor Hyslop (Journal of the American S. P. R., 1913, págs. 406-421), na qual estão detalhadas as terríveis peripécias atravessadas pelo viajante Everts, extraviado, em pleno inverno, nas florestas virgens dos Estados Unidos da América. Ele se alimentou de raízes durante trinta e sete dias e sem fósforos, pelo que só podia conseguir fogo concentrando, por meio de uma lente, os raios de sol em cima de gravetos de madeira seca. Certo dia, aconteceu-lhe perder esse objeto tão precioso e foi no desespero de tal perda fatal que experimentou o fenômeno da "visão panorâmica".

Eis o episódio em questão:

"Dois ou três dias antes de ser encontrado, quando subia uma colina com grande elevação, caí de fadiga sobre pequena moita, sem ter energia para me levantar. Então desatei o cinturão - como tinha o hábito de fazer - e logo adormeci. Não tenho idéia do tempo que durou o meu sono, mas, acordando e reajustando a correia de meu cinturão,

esforcei-me, com dificuldade, para pôr-me de pé e continuei a marcha. Como o sol descesse para o poente, escolhi um canto conveniente para me servir de abrigo, reuni um ramo de galhos secos e procurei, no bolsinho do cinturão, a lente para acender o fogo. Que surpresa desoladora! A lente não se achava mais lá! Eu a tinha perdido. Se a terra tivesse se aberto para me engolir, eu não ficaria mais aterrorizado. Minha última possibilidade de me salvar me fora retirada! Minha suprema esperança morrera... Cobri-me o melhor que pude com ramos de árvores e galhos de arbustos, guardando a terrível certeza de que a minha luta pela vida chegara ao fim e que eu não acordaria mais... E, súbito, com a rapidez de um raio, se apresentaram, diante de meu espírito, episódios de minha vida. O poder de minha faculdade de pensar estava duplicado, triplicado, tão bem que se apresentou, sob os meus olhos, como em visão, o panorama todo inteiro de minha existência. Tudo aparecia, posto em boa ordem, como colorido pelos raios do sol e depois, tudo desapareceu, logo após, como os fantasmas de um sonho vivaz.

Quando me voltou a calma, a razão retomou o seu curso. Por felicidade, o frio ficara temperado. Procurei rememorar o incidente, refazendo de memória cada passo que eu havia dado na floresta durante o dia e conclui que a lente devia ter saltado do bolso do cinturão no momento em que havia adormecido sobre a moita, lugar de meu desfalecimento. Para voltar a esse local, devia percorrer cinco longas milhas na montanha, mas não havia outra alternativa e, antes de surgir a aurora, havia caminhado, cambaleante, a metade do caminho. Quando atingi o dito lugar, experimentei a grande alegria de achar a lente na moita sobre a qual dormira."

Ainda que o desenvolvimento dos fatos, nesta relação, pareça conforme o título desta 2.º categoria de fenômenos, não se poderia afirmar que a substância da presente narração corresponda plenamente à mesma. Se é verdade que o percipiente estava em estado normal de saúde e não se achava em perigo de morte accidental, não é menos evidente que se inclinava para um estado de alma desesperado pelo fato de ter perdido um objeto e que essa perda equivalia, para ele, a uma ameaça de morte pelo frio, ameaça algo afastada.

Como quer que seja, se se considera o caso relatado em conjunto com os outros três casos que o precederam e se reflete sobre os diversos estados de saúde e estados de alma sob a influência dos quais se realizam as manifestações de "visões panorâmicas", pode-se tirar daí uma conclusão instrutiva, isto é, que as explicações dos fisiólogos concernentes às causas que provocam as manifestações de que se trata parecem de uma insuficiência mais ou menos pueril, tanto mais se se considera que, com as suas elucidações hipotéticas, eles não concorrem somente para lhes precisar as causas, como ainda dissipar o mistério que nos dissimula a significação teórica dessas manifestações.

3.º categoria

Casos de espíritos comunicantes que afirmam ter passado pela experiência da "visão panorâmica"

Recordo que, a respeito dos fatos enquadrados nesta categoria, já tive ensejo de avisar que eles não apresentavam valor científico dado a impossibilidade de verificar, diretamente, as afirmações das personalidades mediúnicas,

todavia, semelhantes afirmações são dignas de ser aqui mencionadas, de modo complementar, ao estudo do tema proposto, e isto, sobretudo, porque, em todos os episódios, a seguir narrados, dá-se esta circunstância: as personalidades mediúnicas comunicantes fazem menção espontânea da experiência da "visão panorâmica" pela qual passaram na crise da morte e nunca a pedido dos experimentadores.

Como as sessões, em que foram obtidas essas informações, tiveram lugar em épocas diferentes e continentes diversos e, não raramente, na presença de pessoas que ignoravam a existência deste gênero de fenômenos, este concurso de circunstâncias, indiretamente, reveste, de certo valor, as comunicações assim feitas. Em apoio desta consideração, devo acentuar o seguinte: se se tratasse de personalidades subconscientes, então essas personalidades não poderiam ter descrito, exatamente e menos ainda de modo concordante, um fenômeno real de que os médiuns e os experimentadores ignoravam a própria existência. Ainda que se pudesse aceitar que a fertilidade inventiva das personalidades sonambúlicas não tenha limites, contudo não se pode admitir - diga-se isto em homenagem ao bom senso e ao cálculo das probabilidades - que grande número de personalidades sonambúlicas, comunicando-se mediunicamente, em momentos diferentes, em continentes diversos e na presença de pessoas que ignoram a existência de determinada categoria de fenômenos, tenham todas podido inventar a mesma história fantástica, onde os detalhes concordam admiravelmente e sobretudo concordam com uma classe de manifestações autenticadas. Segue-se daí que, quando se produzem fatos deste gênero, somos logicamente levados a procurar sua explicação em outra parte, o que

equivale a admitir que eles não podem ser explicados de outra maneira senão reconhecendo a sua origem francamente espírita.

*

CASO XIII - O seguinte episódio é devido à mediunidade de eminente precursor do movimento espírita: o juiz Edmonds, de New York. Pouco antes havia ele perdido um dos seus mais caros amigos, o juiz Peckham, da Corte de Apelação da mesma cidade, o qual morrera, tragicamente, com a esposa, num acidente de colisão entre dois vapores

Numa experiência pessoal de escrita automática, manifestou-se o falecido amigo, fornecendo-lhe excelentes provas de sua própria identidade e narrando a visão de sua morte, assim como sua presente vida espiritual. De uma longa comunicação, destaco a passagem que se refere a este fato especial.

Conta o espírito comunicante:

"Se eu tivesse podido escolher o modo de separar-me de meu invólucro corporal, certamente que não teria preferido o que me levou a desencarnar. Todavia, isso agora já não me interessa, depois do instante em que, bruscamente, me achei transportado a ambiente tão belo e tão extraordinariamente variado...

No momento da morte, revi, integralmente, toda a minha existência terrena. Todas as ações, todas as cenas, todos os incidentes da vida se desenrolaram diante de meus olhos, tão vivamente expressos como se tivessem sido gravados na minha mente em fórmulas luminosas. Nem um só de meus

amigos foi esquecido. No instante em que mergulhei no mar, com minha esposa nos braços, apareceram-me meu pai e minha mãe, e foi esta que nos tirou da água com um facilidade cuja natureza só agora compreendo." (Juiz Edmonds, Letters and tracts on Spiritualism.

Era a primeira vez que o juiz Edmonds ouvia falar de "visão panorâmica" e, quando a sua mão traçou essa comunicação, ele se achava sozinho. É, pois, evidente que, com a hipótese das personalidades subconscientes, não se consegue explicar semelhante alusão espontânea feita a um fenômeno real, mas ignorado pelo médium. Fica, assim, confirmado o que fora observado acima, isto é, que os fenômenos deste gênero só podem ser explicados pela aceitação de sua origem espírita.

*

CASO XIV - Este caso figura no livro da Sra. De Morgan intitulado From Matter to Spirit. A personalidade mediúnica do Dr. Horace Abraham Ackley descreve, nestes termos, sua própria experiência de separação entre o espírito e o corpo somático:

"Eu sentia que me soltava gradualmente de meu corpo, mas, achando-me em estado de consciência pouco lúcida, parecia sonhar. Experimentava a sensação de estar minha personalidade em duas partes que, entretanto, pareciam associadas por um laço indissolúvel. Quando o organismo corporal deixou de funcionar, meu espírito pôde libertar-se completamente e então me pareceu que as partes separadas de minha personalidade se recompunham em uma só. Simultaneamente senti-me levantado acima de meu cadáver,

à pequena distância dele, de onde via distintamente as pessoas que rodeavam meu corpo. Não poderia dizer por qual poder consegui erguer-me e a tornar-me livre no ar. Depois desse acontecimento, suponho ter passado um período bem longo em estado de inconsciência (o que, aliás, acontece freqüentemente, se bem que tal não acontece em todos os casos), deduzindo-o do fato de que, quando tornei a ver meu cadáver, achava-se ele em adiantado estado de putrefação.

Logo que voltei a mim, todos os acontecimentos de minha vida desfilaram diante de meus olhos como num panorama; eram visões vivas, muito reais, em dimensões naturais, como se o meu passado tivesse se tornado presente. Foi efetivamente todo o meu passado que revi, inclusive o último episódio de minha desencarnação. A visão desfilou diante de mim com tal rapidez que quase não tive tempo de refletir, achando-me como que arrebatado por um turbilhão de emoções e, a seguir, desapareceu com a mesma rapidez com que se mostrava. As meditações sobre o passado e o futuro suscitaram em mim vivo interesse por minha condição atual.

Já ouvira os espíritas dizerem que os espíritos desencarnados eram acolhidos no mundo espiritual por seus parentes ou por seus espíritos-guias. Não percebendo ninguém perto de mim, concluí que os espíritas estavam enganados, mas, apenas este pensamento me atravessou a mente, vi dois espíritos que me eram desconhecidos e para os quais me sentia atraído por um sentimento de afinidade. Soube que haviam sido homens muito instruídos e inteligentes, mas que, como eu, não haviam pensado em desenvolver em si próprios os elevados princípios da

espiritualidade. Chamaram-me pelo nome, embora não o tivesse eu pronunciado, e me acolheram com uma familiaridade tão benévola que me senti agradavelmente reconfortado. Deixei em companhia deles o meio em que desencarnara e que me conservara até aquele instante. Pareceu-me nebulosa a paisagem que atravessassei, mas, dentro daquela meia obscuridade, fui conduzido a um lugar onde vi reunidos numerosos espíritos, entre os quais muitos que eu conhecera na Terra e que já haviam morrido há algum tempo."

Do ponto de vista em apreço, o espírito comunicante afirma ter passado pela prova da "visão panorâmica" de seu passado, prova que, neste caso, em lugar de se desenrolar espontaneamente, em conseqüência de uma superexcitação sui generis das faculdades mnemônicas (superexcitação produzida pela crise da agonia, ao que dizem os psicólogos), parecia antes provocada pelos "guias" espirituais com o propósito de predispor o espírito recém-chegado a uma espécie de "exame de consciência".

Não possuindo o livro de que a Sra. De Morgan extraiu a citação reproduzida acima, não me é possível saber se, neste caso, o médium e as pessoas presentes ignoravam a existência dos fenômenos de "visão panorâmica", mas, como esta obra foi escrita em 1857, a presunção de que os experimentadores deveriam todos ignorar a existência deste gênero de fenômenos é tão provável que equivale a uma certeza, tanto mais que do conteúdo da mesma comunicação se depreende a noção de que o episódio em apreço (revisão da vida) foi relatado espontaneamente pela entidade comunicante.

*

CASO XV - Tiro-o do livro do Dr. Wolfe Startling facts in modern spiritualism (Maravilhosos fatos do neo-espiritualismo). Jim Nolan, o espírito-guia da célebre médium Sra. Hollis - espírito que afirmou e demonstrou ter sido soldado na guerra de secessão norte-americana e haver morrido de tifo num hospital militar - assim respondeu às seguintes perguntas formuladas por um dos experimentadores:

P. - Que impressão tiveste de tua primeira entrada no mundo espiritual?

R. - Parecia-me que despertava de um sono, com um pouco de atordoamento a mais. Já não me sentia enfermo e isso me espantava grandemente. Tinha vaga suspeita de que algo de estranho se passara, mas não sabia definir de que se tratava. Meu corpo estava estendido no leito de campanha e eu o via bem. Dizia para comigo mesmo: "Que estranho fenômeno!" Olhei ao derredor e vi três camaradas meus, mortos nas trincheiras diante de Vicksburg e que eu mesmo enterrara. Entretanto, ali estavam na minha presença. Olhavam-me, a sorrir. Então, um dos três me saudou, dizendo:"

- Bom-dia, Jim; também és um dos nossos.

- Sou dos "nossos"? Que queres dizer?

- Mas... que te encontras aqui, conosco, no mundo dos espíritos. Não te apercebes disto? É um meio onde se está bem.

Estas palavras eram muito fortes para mim. Fui presa de violenta emoção e exclamei: "Meu Deus! Que dizes? Estou morto?" - "Não, estás mais vivo do que nunca, porém te

encontras no mundo dos espíritos. Para ficares convencido, não tens mais do que olhar para teu corpo."

Com efeito, meu corpo jazia inerte, diante de mim, sobre uma tarimba. Como, pois, contestar o fato? Pouco depois chegaram dois homens que puseram meu cadáver em cima de uma prancha e o transportaram para perto de outro carro, em que o meteram, subiram à boléia e partiram. Acompanhei então o carro, que parou à borda de um fosso, onde meu cadáver foi arriado e sepultado. Fora eu o único assistente de meu próprio enterro...

P. - Quais as sensações que experimentaste na crise da morte?

R. - A que se experimenta quando o sono se apodera da gente, mas deixando ainda que se possa lembrar de alguma idéia que tenha tido antes do sono. É o que se dá por ocasião da morte. Mas, um pouco antes da crise fatal, minha mente se tornara muito ativa; lembrei-me subitamente de todos os acontecimentos de minha vida; vi e ouvi tudo que fizera, dissera, pensara, todas as coisas a que estivera associado. Recordei-me até dos jogos e brincadeiras do acampamento militar; gozei-os como quando participei deles."

No que diz respeito ao caso e querendo argumentar o modo pelo qual se exprime a entidade comunicante, pode-se dizer que, para ela, a recapitulação da morte se desenvolveu, antes, sob a forma de uma "síntese de recordações" do que sob a forma de uma "visão panorâmica", diferença que, naturalmente, não modifica os termos do problema a resolver e que demonstraria apenas que a entidade comunicante, na vida terrena, não pertencia ao que, em linguagem psicológica, é qualificado de "tipo visual", mas de preferência ao "tipo auditivo-mental".

*

CASO XVI - Num opúsculo intitulado *How I became a Spiritualist* (Como me tornei espiritualista), James Smith, conhecido escritor espírita, conta como ele foi progressivamente levado a se interessar pelas experiências mediúnicas.

Certa noite, ele deixou-se convencer a assistir à uma sessão espírita em que se manifestou seu próprio irmão, falecido há anos. A propósito, ele assim escreve:

"O médium, mergulhado em profundo sono, volta-se para mim e diz: "Ao seu lado está um jovem extremamente parecido consigo. Ele se mostra a mim como se saído da água e afirma ser seu irmão. Quando tomou posse do médium, o recém-vindo descreveu sua morte por afogamento, acrescentando que, no momento supremo, passaram diante de seus olhos, em traços rápidos e como que em panorama, os acontecimentos de sua vida inteira, seguidos de outro panorama, onde se delinearam todas as circunstâncias, não ainda vividas, do resto dessa mesma existência, tal como deveria desenrolar-se caso ele houvesse escapado à morte e continuado a viver até o termo natural de sua vida terrena."

Esta última afirmativa do espírito comunicante quer dizer que, na "visão espiritual", desfilaram, em panorama, os acontecimentos do resto de sua existência, a mesma que deveria realizar-se caso não sucedesse o acidente fatal e ocasional de morte por asfixia, parece, ao menos, inesperado e curioso, ainda que não seja, no gênero, o caso único na minha coleção de fatos. A sua natureza sugere considerações

novas e interessantes sobre o tema do livre arbítrio, do destino e da fatalidade, considerações que, bem entendido, me abstenho de formular, em vista da insuficiência do equilíbrio das bases sobre as quais se apóiam. Contudo, do ponto de vista da abstração filosófica - que permite dela nos afastarmos, à vontade, no campo das idéias - tal indício de uma nova concepção do ser, em relação ao fatalismo, merece ser considerado em face dos horizontes inexplorados que permitem ao pensador entrever.

*

CASO XVII - A Srta. Lillian Whiting, conhecida autora em assuntos espíritas, relata, na Light, interessante sessão realizada por uma de suas amigas com a Senhora Keeler, médium com quem o Dr. Hodgson realizou longa série de experiências, A essa amiga se manifestou uma entidade desencarnada pouco antes, a quem ela perguntou quais haviam sido suas primeiras impressões no mundo espiritual. São as seguintes as palavras da Srta. Whiting:

"A entidade se lembra de ter atravessado um período de longa inconsciência. Depois do que despertou subitamente ao som de uma voz que conhecia, ao que se seguiu música paradisíaca, tudo tão surpreendente de maneira a não poder ela compreender como essas música e voz se fizessem ouvir no seu aposento. Então, ela viu surgir uma árvore de luz que, gradualmente, se tornara resplandecente. A seguir, apareceram-lhe rostos de numerosas pessoas queridas, gente falecida havia muitos anos. Diante de tal espetáculo, foi tomada de surpresa e, quase apavorada, se perguntava o que podia ter acontecido e qual o significado de tudo isso. De

repente, foi-lhe revelado que acabara de passar pela transformação a que os vivos chamam morte.

(Nesse momento, a relatora reproduz as palavras exatas da entidade, que se exprime da forma abaixo):

"Num relâmpago, tudo o que eu fizera durante a vida e tudo o que eu realmente havia sido me foram mostrados em panorama perfeitamente igual ao que se espera na hora do Juízo, porque, realmente, na visão que sucessivamente se desenrolava diante de mim, nos êxitos e insucessos de minha vida, eu avaliava exatamente o Bem e o Mal que estavam contidos nela."

Neste caso, a "visão panorâmica" não se produziu na ocasião da morte, mas já na vida espiritual, depois do período de inconsciência ou de sono. E o desenrolar da visão está descrita pela entidade como a "hora do Juízo"; hora em que a significação intrínseca moral e real das ações praticadas na existência terrena se revela inexoravelmente e é desvendada ao protagonista desencarnado.

Saliento a que ponto todos estes detalhes, e muito curiosamente, estão de acordo com as doutrinas das escolas ocultistas no que se refere à distinção estabelecida entre a "visão panorâmica" que se produz na iminência da morte e a que se produz "visão" já na existência espiritual. A primeira é uma síntese recapitulativa; a segunda tendo o caráter de "julgamento com a sua sanção", que se desenrola automaticamente em virtude da natureza intrínseca do espírito e que é o prelúdio de seu destino, ou "gravitação" do espírito para a esfera a que está destinado; isto se produz unicamente pela aplicação do princípio que governa o universo físico e psíquico: a lei das afinidades.

*

CASO XVIII - Colho-o dos Proceedings of the S. P. R. Sabe-se que, em certas sessões em que operava como médium a Sra. Piper, manifestou-se uma entidade que afirmou ser o conhecido escritor inglês George Elliot. Assim, na sessão de 5 de março de 1897, Elliot descreve ao Dr. Hodgson o seu despertar no mundo dos espíritos:

"Experimentei, repentinamente, a mais bela a mais indescritível sensação de liberdade a que se possa aspirar. Reconheci que os ideais de minha vida haviam sido literalmente grosseiros em confronto com os verdadeiros ideais. Apenas separado do corpo, que sempre fora um enigma para mim, tive a prova de ter-me sempre enganado em minhas suposições. Pouco depois desse momento, surgiram ao meu espírito, e num relâmpago, as recordações de minha vida inteira. Cada palavra, cada pensamento, que passara pelo meu cérebro, cada ato de minha existência, desfilaram diante de mim como em maravilhoso panorama. Nada mais extraordinário do que meu despertar no ambiente espiritual, onde os aromas balsâmicos são de natureza indescritível e ultrapassam, em suavidade, os poderes da compreensão humana. Jamais vivente algum poderá formar concepção remota desta verdade. É simplesmente impossível sugerir uma pálida idéia desta existência maravilhosa e torná-la acessível à mente dos encarnados. Para compreendê-la, seria preciso conhecê-la. Durante minha vida, freqüentemente me absorvi em profundas meditações e deixava meu pensamento rumar para o fantástico, presumindo que algo deveria existir para lá do sepulcro, mas eu não conseguia formular uma idéia... Aqui, como já vos

disse, tive uma visão de minha vida inteira e recordei-me de todos os pensamentos que surgiram fugidamente em meu espírito... Em seguida, fui presa pelo tormento dos remorsos que, contudo, não duraram muito tempo..., talvez a duração de alguns de vossos dias. Decorrido esse tempo, senti-me invadido por uma sensação de extrema felicidade como igual eu não havia nunca experimentado durante minha existência terrena. Nada mais perturbava a minha alma. Senti-me livre, exultante! E entoiei um hino de amor, compreendendo que, também eu, constituía uma partícula integrante do amor universal!"

Novamente, neste caso, a experiência da "visão panorâmica" produziu-se depois da crise da morte e, também nesta circunstância, manifestou-se o "tormento dos remorsos", em seguida ao desenrolar da visão.

Conclusões

Pela precedente classificação, propus-me a fazer surgir o valor teórico de que se revestem os fenômenos da "visão panorâmica", valor que permaneceu até hoje mal compreendido, pois que fisiologistas e psicólogos sempre fizeram alusão a essa categoria de fatos, mas lhe concedendo significação estritamente limitada à pesquisa dos automatismos subconscientes de natureza psicofisiológica.

Entretanto, os fenômenos em questão, juntamente com seus análogos, porém muito menos sugestivos, da "hipermnésia" e da "criptestesia", concorrem para demonstrar, de maneira cientificamente resolutiva, a existência, na subconsciência humana, de uma "memória sintética", perfeita e indelével, susceptível de emergir, em

toda a sua plenitude, em raras ocasiões, que, em regra geral, são determinadas pela iminência do perigo de morte. Esta última característica deveria levar os homens de ciência a serem mais reservados nas suas fórmulas explicativas, quando procuravam esclarecer o problema.

Na realidade, posta em face deste formidável enigma referente à função que cumpre, na economia orgânica e em relação com a evolução da espécie, esta perfeita e maravilhosa reserva da memória normal que é sempre bem imperfeita, os fisiologistas têm categoricamente respondido que, em fato de função, ela não exerce nenhuma delas, resposta absurda e insustentável, ainda que eu queira concordar que, até há poucos anos apenas, não se teria podido propor melhor solução. Já não acontece o mesmo hoje, numa época onde o advento das pesquisas metapsíquicas demonstrou a existência, na subconsciência humana, de um grupo inteiro, sistematizado, de faculdades supranormais maravilhosas, que, à semelhança da "memória sintética", não eram destinadas a se exercerem no estado atual da vida terrestre de relação. Seguiu-se daí que, fundada em tal e tão precioso conhecimento concernente à íntima essência de ser, o problema em questão tomou extensão, se elevou, mudou de aspecto, e que a "memória sintética" se tornou, por sua vez, uma faculdade supranormal pertencente, como as outras faculdades, ao mesmo grupo sistematizado. E, como tudo tendia para demonstrar que as faculdades supranormais subscientes eram faculdades espirituais sensório-psíquicas existindo em estado latente na subconsciência humana, dever-se-ia presumir que acontecia o mesmo com a "memória sintética", que, evidentemente, aí

existe em estado latente, aguardando o momento de emergir e de se manifestar no ambiente espiritual.

Ora, semelhantes induções, rigorosamente lógicas, traziam à luz um outro problema. Se era assim como acabamos de dizer, se a "memória sintética" devia ser considerada como uma reserva mnemônica perfeita, destinada a sobreviver à morte do corpo, neste caso, ela não podia residir nos centros corticais, bem como as faculdades supranormais subconscientes não podiam ser - como não eram - função do órgão cerebral. Isto, para as faculdades supranormais subconscientes, era fácil de demonstrar, visto que elas eram independentes da lei de seleção natural e emergiam em razão inversa da atividade da consciência normal. Sobre este ponto, e para a "memória sintética", tal indução era menos evidente, ainda que, entretanto, o fato mesmo de sua existência subconsciente, em condições perfeitas e permanentes, devesse levar racionalmente a julgar a que a "memória sintética" devia ser função de alguma coisa de permanente. Em suma, psicólogos e filósofos não haviam deixado de o observar e, há pouco, o Dr. Geley havia escrito a respeito: "Para que esta recordação seja vivificada, é preciso, com toda evidência, que ela esteja ligada a alguma coisa de permanente. A criptomnésia, como a criptopsiquia, demonstra a insuficiência absoluta da concepção organocêntrica." (revista Vers l'Unité, pág. 160). Isto é rigorosamente verdadeiro e é impossível aos contraditores refutar tal afirmativa, solidamente fundada nos fatos, afirmativa que me lembra experiência de "autoscopia" sonambúlica do Dr. Sollier, já citada por mim na minha monografia sobre os "Fenômenos de bilocação" e que eu gostaria de reproduzir aqui, pois que ela se mostra

admiravelmente de acordo com a afirmação do Dr. Geley, assim como com os ensinamentos das escolas ocultistas, que situam a sede das faculdades sensório-psíquicas no "corpo astral".

Assim dizia eu na citada monografia:

"Isto estabelecido, volto a ocupar-me exclusivamente do "corpo etérico", colocando a discussão sobre certas outras declarações de sonâmbulas dotadas da faculdade de "autoscopia interna", de agora em diante ligada à ciência e muito bem estudada nestes últimos tempos pelos Drs. Sollier, Bain, Lemaître. Sabe-se que esta faculdade consiste no dom maravilhoso de perscrutar os refulhos mais ocultos do próprio organismo e não somente macroscopicamente, mas, também, microscopicamente e de modo a ultrapassar de muito os limites dos instrumentos de que dispõe a ciência.

Ora, se se considera que, cada vez que é dado controlar as declarações de ditas sonâmbulas, se verifica que, além de descrever, de forma anatomicamente e fisiologicamente impecável, a estrutura e as funções dos seus órgãos internos, revelam, também, as condições patológicas deles até os menores detalhes da dissociação somática, e isto mesmo quando o operador e o sensitivo ignoram ambos a existência de uma dada lesão no organismo, não há nenhuma razão para não se crer na lucidez delas nos casos em que revelam particularidades funcionais ou histológicas escapadas, até o momento, às pesquisas da ciência. Faço alusão, aqui, às declarações de uma sonâmbula do Dr. Sollier, a propósito das funções dos centros corticais na exteriorização do pensamento."

Eis a passagem em questão, que tiro da relação do Dr. Sollier no número de janeiro da Revue Philosophique:

"Jeanne passa a mão pela frente, joga a cabeça para trás, curva-se sobre os rins, depois bruscamente para e diz "Pequenas máquinas se abriram aqui..." - "Que são estas pequenas máquinas?" - "Pequenas máquinas que dormiam." - "Que havia dentro?" "Um pequeno buraco redondo com pontas." - "O quê, um pincel?" - "Como uma agulha, pequenas câmaras (são os pequenos buracos de antes) que dormem, são colados; eles são ligados." - "Para que servem eles?" - "Servem para que eu pense; estes cantinhos lá, isto fecha e pára continuamente como uma máquina em vibração, exceto os que dormem e ficam tranqüilos." - "Onde se acham as imagens de que me falastes?" - "Nos pequenos buracos; quando as pequenas pontas começam a mover-se, a vibrar, isto faz vir a imagem diante de meus olhos; quando a imagem vem eu não vejo mais os pequenos buracos; isto toma toda a frente, mas eu sei que ela está lá dentro, pois que é de lá que ela sai... Porém as imagens se mantêm por fios aqui (ela mostra o seu occiput no nível dos lóbulos óticos), porque, quando elas dormem, não sinto nada lá, mas, quando elas vão vir com as cores, sinto que isto puxa para trás e para diante, isto começa a movimentar no lugar, a mover, a vibrar."

O Dr. Sollier acrescenta a estas declarações da sonâmbula a seguinte nota:

"Todos os enfermos, que recuperam a sua sensibilidade cerebral, falam, do mesmo modo, dos pequenos compartimentos, das pequenas caixas que se põem em ordem, ao mesmo tempo que as idéias se esclarecem."

Em nosso ponto de vista, a idéia fundamental destas citações é a de que a sonâmbula vê, nas células cerebrais, pequenas cavidades internas, ou "pequenas câmaras",

revestidas de prolongamentos fibrilares que, quando param e vibram, fazem surgir a imagem psíquica diante delas, imagem que toma uma forma objetiva no interior das "pequenas câmaras". Em outras palavras, durante o processo psíquico da rememoração, ou ideação, toda coisa se produziria como se as imagens existissem em potência nas cavidades ou "pequenas câmaras" celulares, de onde as vibrações fibrilares as fariam surgir a serviço do "eu" consciente.

Ora, tudo isto não implica a idéia de que as imagens psíquicas existem de uma forma externa ao órgão cerebral? E precisamente nos interstícios celulares denominados "pequenas câmaras" pela sonâmbula, campo de ação presumível do "corpo etérico?"

Se era isto, seria preciso pensar daí que o lado físico do processo de ideação consiste justamente no seguinte: que, no meio de prolongamentos fibrilares vibrando em um meio reservado à ação do "corpo etérico" vai se estabelecer a relação necessária entre os centros corticais, registradores automáticos das tonalidades vibratórias variadas, chegadas até eles pelas vias sensoriais, e o "corpo etérico", depositário das imagens psíquicas correspondentes.

Esta concepção das funções cerebrais, a respeito da exteriorização do pensamento, seria fecunda em aplicações teóricas, pois ela se presta a fazer compreender melhor a natureza do "eu" consciente, onde estaria contida a verdadeira personalidade humana e, também, em fazer compreender melhor a relatividade das faculdades psico-sensoriais em sua qualidade de funções da personalidade espiritual, durante o ciclo de sua existência terrestre.

Parece-me hoje que semelhantes considerações contribuem às maravilhas para indicar a via pela qual devem encaminhar as pesquisas psicológicas e histológicas do futuro, onde elas poderão esclarecer o supremo mistério da união do espírito e do organismo somático. E se se consideram as palavras do Dr. Sollier "todos os enfermos, que recuperam a sua sensibilidade cerebral, falam, do mesmo modo, dos pequenos compartimentos, das pequenas caixas que se põem em ordem ao mesmo tempo em que as idéias se esclarecem", palavras que indicam que não se acham na presença de uma afirmativa isolada, numa sonâmbula, mas de observações concordantes em numerosos sensitivos, quando se mostra poderosamente consolidada a presunção de que o auxiliar da lucidez sonambúlica descobriu uma grandiosa verdade histológica de ordem ultramicroscópica, verdade cujo valor científico seria incomparável no sentido que equivaleria à demonstração experimental do grande fato que a sede do pensamento, inclusive da "memória sintética", seria exterior ao organismo cerebral, ou, em outras palavras, que ele residiria no "corpo etérico".

Vimos como tais revelações "autoscópicas", nos sensitivos sonambúlicos, concordam excelentemente com as induções do Dr. Geley, induções solidamente apoiadas nos processos das análises comparadas no reino animal, combinadas com os ensinamentos que resultam das pesquisas metapsíquicas. Acrescento que estas mesmas revelações concordam, ademais, e admiravelmente, com o pensamento filosófico de Bergson.

No seu discurso presidencial na Society for Psychical Research (Annales des Sciences psychiques, 1913, pág.

326), assim se exprime ele a respeito da sede presumível da memória:

"O que me parece se depreender do estudo atento dos fatos é que as lesões cerebrais características das diversas afasias não atingem as recordações e que, por conseqüência, não há, armazenadas, em tal ou qual ponto da película cerebral, recordações que a enfermidade destruiria. Essas lesões tornam, na realidade, impossível ou difícil a evocação das recordações: elas descansam no mecanismo da lembrança, e neste mecanismo somente. Mais precisamente, o papel do cérebro é, aqui, de fazer com que o espírito, quando tem necessidade de tal ou qual recordação, possa obter do corpo certa atitude, ou certos movimentos nascentes, que apresentam à recordação buscada um quadro apropriado. Se o quadro estiver lá, a recordação virá, por si própria, nele se inserir. O órgão cerebral prepara o quadro; ele não corre atrás da recordação. Eis, na minha opinião, o que mostra um estudo atento das doenças da memória das palavras e o que faz, aliás, pressentir a análise psicológica da memória em geral."

Estas profundas observações de Bergson concordam com as revelações das sonâmbulas a tal ponto que se poderia considerá-las para comentários nas mesmas revelações. Esta circunstância merece salientada: não lhe falta valor sugestivo.

Acrescento, enfim, a opinião de E. W. Friend no *Journal of the American Society for Psychical Research* (1915, pág. 112), a propósito de uma comunicação mediúnica registrada pelo autor:

"No estado em que estão as coisas, elas confirmam a tese bergsoniana de que, no cérebro, só estão contidos os

mecanismos da recordação, ao passo que as nossas experiências, no que têm de substancial e de intrínseco, são conservadas fora do cérebro, num meio puramente psíquico."

Resulta, por conseguinte, que, em virtude da "autoscopia sonambúlica", achamo-nos no limiar de grande descoberta histológica e psicológica, a qual, de uma parte, coincide com os resultados das pesquisas mais recentes no domínio das ciências naturais e metapsíquicas, que acabam de provocar a obra do Dr. Geley De l'Inconscient au Conscient e, de outra, concorda com as geniais especulações filosóficas do Professor Bergson. Eis uma demonstração de grande importância da "autoscopia sonambúlica" como instrumento de pesquisa a serviço da ciência, de modo que seria altamente desejável que os representantes do Saber o reconhecessem, orientando, neste sentido, as suas investigações, multiplicando as experiências deste gênero e aplicando-lhes os métodos da análise comparada.

*

Voltemos à "visão panorâmica".

Ulteriormente, eu deveria considerar a característica essencial pela qual ela se exterioriza, isto é, a que lhe permite apresentar, em termos de "simultaneidade", o que a inteligência humana não pode assimilar senão em termos de sucessão. Agora, apoiando-me na análise comparada de diversas manifestações metapsíquicas, verifico como a mesma característica mostra ser substancialmente idêntica nas modalidades segundo as quais se manifestam outras faculdades supranormais.

Esta característica já havia sido revelada há muito tempo, no que concerne às manifestações da memória sonambúlica e, notadamente, nos Proceedings of the S. P. R. (vol. VI, pág. 95). O Sr. Thomas Barkworth havia observado:

"Assim, como se sabe, as funções da memória ordinária consistem em um encadeamento de idéias associadas entre si, cada idéia ligando à idéia vizinha e esta a uma outra, e assim por diante... Tal é a idéia da exteriorização da memória pertencente à atividade da consciência normal, mas eu aventaria a conjuntura de que a "consciência latente" possui a sua memória particular, fundamentalmente diferente da outra: a memória consciente consistindo em um encadeamento sucessivo de idéias e a memória subconsciente em uma impressão pictural simultânea. Se essas hipóteses tivessem fundamentos, deveríamos esperar que a memória subconsciente de um sensitivo hipnotizado fosse capaz de repetir, igualmente bem, uma lição, começando pelo fim, assim como pelo princípio, e isto é precisamente o que se verifica nas experiências congêneres."

Essas experiências são conhecidas de todo o mundo, a começar pelo caso clássico de uma sonâmbula que tivera o poder de ouvir uma conferência e depois de a repetir em sentido inverso, como se tivesse diante dos olhos o texto impresso, e a terminar pelo caso de Malvina Gérard, caso dos mais notáveis, em que a sensitiva era capaz, em estado sonambúlico, de compor comédias e de recitar trechos dela, indicados, ao acaso, por seu hipnotizados, em diversos atos, como se tivesse improvisado suas comédias de modo instantâneo e se tivesse o manuscrito diante dos olhos (Maurice Sage em Annales des Sciences psychiques, 1904, págs. 65 e 129).

Uma outra categoria de manifestações (onde, à característica da "simultaneidade", na rememoração, corresponde o equivalente da "instantaneidade" - ou mais ou menos, - na concepção mental) é a dos "calculadores prodígios", manifestação cuja particularidade consiste em resolver, com uma rapidez, com efeito, prodigiosa, às vezes, mesmo, súbita, cálculos da maior dificuldade e de uma extrema complicação, rapidez que contrasta com a lentidão da mente normal no encaminhamento para a solução dos mesmos problemas.

No que diz respeito às sonoridades, recordemos o curioso fenômeno habitual em Mozart, que percebia subjetivamente, e com simultaneidade, a sucessão e a coordenação das notas compondo uma peça de música inteira e tirando dessa aptidão um supremo deleite estético. Partindo desta preciosa anomalia verificada nesse músico, observa-se uma analogia com os fenômenos que examinamos aqui: a abolição, ou pouco que falta dela, da sucessão, no tempo, para a audição subjetiva de uma composição melódica e, conseqüentemente, para toda coordenação de sons em ordem sucessiva.

Consigno ainda que a mesma característica da "instantaneidade" do desenrolar de uma ação qualquer se encontra entre as manifestações da transmissão telepática do pensamento e da visão telestesia, que se exteriorizam através do espaço, numa duração de tempo inapreciável. Pode-se dizer outro tanto nos casos de clarividência do passado e do futuro, que se traduz, no sensitivo, por uma visão panorâmica no presente; do mesmo modo, na circunstância dos fenômenos, de "bilocação" tendo relação com a translação instantânea, no espaço, do "fantasma desdobrado". E se se leva em conta o que afirmam as

personalidades mediúnicas, haveria algo de semelhante para a noção abstrata do tempo e o sentido prático de espaço, no ambiente espiritual.

Saliento ainda - no ponto de vista do sentimento da individualidade pessoal em suas relações com o Universo e com a Causa primária - que se conhecem exemplos tendentes a demonstrar como esse mesmo sentimento pode se transmutar em uma instituição sintética da imanência em Deus, conservando, portanto, intacta a consciência do ser, ainda que desmesuradamente enlanguescida. Esta noção foi pressentida, por exemplo, nos momentos de excepcional intuição transcendental, pelo ilustre poeta inglês Alfred Tennyson. Respondendo a um amigo, que havia experimentado impressão similar em seguida a uma inalação de "clorofórmio", assim se exprimiu nestes termos:

"Jamais tive revelações deste gênero por meio de anestésicos, mas experimentei freqüentemente uma espécie de "êxtase no estado de vigília" (exprimo-me assim na falta de um termo apropriado), a começar pela minha primeira adolescência e em momentos em que me achava sozinho. Algumas vezes eu conseguia provocar este estado, repetindo, mentalmente, o meu próprio nome, até o instante em que a intensidade, com a qual remontava em mim a concepção de minha individualidade pessoal, atingia o seu limite supremo. Então, esta individualidade mesma parecia se dissolver e se esvanecer numa sensação de conhecimentos ilimitados. Este estado de consciência não era um estado confuso, mas o mais límpido entre os mais límpidos, o mais certo entre os mais certos e, literalmente, indescritível. Graças a ele, a morte me parecia uma impossibilidade ridícula. Em suma, tal extinção da personalidade (se se pode assim definir este

estado) não me parecia uma extinção do ser, mas a verdadeira e única existência real. Sinto-me humilhado pela maneira tão completamente imperfeita com a qual vos descrevo este sentimento, porém já não vos disse que um tal estado é verdadeiramente impossível de se descrever?" (Light, 1903, pág. 257).

Tennyson volta a este assunto no seu poema *The Ancient Sage* e o desenvolve em magníficos versos.

Outro sensitivo que experimentou este mesmo sentimento de imanência em Deus foi Vincent Turvey, autor do livro *The Beginnings of Seership*, no qual, já enfermo e caminhando para a tuberculose, quis reunir, para o serviço de futuros investigadores o fruto de suas experiências pessoais, como sensitivos clarividentes.

Em uma carta ao Professor Hyslop, dizia ele:

"Começo a me capacitar de que todos nós, mais ou menos, participamos de um Oceano da Consciência Universal e que cada vórtice nesse oceano, em que estamos todos mergulhados, pode, por vezes, ciente ou inconscientemente, tomar contato ou mesmo misturar-se com outros vórtices semelhantes a ele. Em apoio do que afirmo, declaro-vos que tive, efetivamente, a prova da realidade de tal condição do ser humano. Eu havia, então, perdido todo sentimento de individualidade e não somente tinha a sensação de ser um vórtice no grande Oceano da Consciência Universal como ainda sentia que eu estava em outros vórtices (ou individualidades humanas) passadas, presentes e futuras, que tinham existido ou que existiram nesse Oceano." (*Journal of the American S. P. R.* , 1912, pág. 509).

Para quem quer que não tenha passado pela experiência acima descrita, é bem difícil conceber no que consiste este sentido da imanência em Deus, ou, de outra forma, da "Consciência Cósmica". Do ponto de vista filosófico e de uma lógica rigorosa que eu diria mais ou menos inevitável, é conceber tal finalidade para o espírito humano. E a teologia mais antiga na civilização dos povos - a do Budismo - o ensina sempre pela doutrina do Nirvana, doutrina que, para muitos, significa, de uma forma errada, a extinção da consciência individual, quando ela, na realidade, prescreve que a meta final do ser é a assimilação em Deus, ainda que a consciência do ser aí fique intangível, mas aí seja somente elevada a proporções incomensuráveis. É bem o que haviam intuitivamente percebido Tennyson e Turvey. Resulta daí que, pela lei da analogia, dever-se-ia concluir que o Microcosmo Homem, reintegrando-se no Macrocosmo-Deus, concorreria, por uma medida infinitesimal, para constituir o Ser Infinito e participaria, de modo não menos infinitesimal, de Sua natureza, ainda que seja conservada a consciência do ser. Assim, e da mesma maneira, milhares de células compõem o organismo humano e concorrem, a título infinitesimal, para constituir a personalidade físico-psíquica, participando de sua natureza, pela mesma infinitesimal proporção, permanecendo intacta a individualidade que lhe é própria.

Ainda que possa ser assim, não insistiremos sobre estas especulações filosóficas, de caráter inconcebível para a mente humana (salvo os raros casos de intuição nos videntes, de que ele falou). Queremos desde já observar como os exemplos acima ratificam o que se disse a respeito do assunto: a saber, que a característica da "simultaneidade", em

oposição à da "sucessão" - nas rememorações pictográficas da "visão panorâmica" - é também a característica de todas as faculdades supranormais existentes na subconsciência. Assim sendo, é lícito deduzir daí que esta mesma característica - tanto para as funções da memória quanto para o processo da ideação, a transmissão à distância do pensamento, a translação no espaço, ou, ainda, para o sentimento da imanência em Deus - constitui a modalidade pela qual se exercem as faculdades espirituais no ambiente espiritual.

Tão maravilhosa perspectiva sobre a existência de além túmulo fora como que esclarecida no espírito profundamente filosófico de Frederic Amiel por ocasião da revivescência de uma recordação de sua infância, que ele esquecera havia mais de quarenta anos.

"Nossa consciência é, pois, como um livro cujas folhas, viradas pela vida, se cobrem e se ocultam sucessivamente, a despeito de sua semitransparência, mas, ainda que o livro esteja aberto na página do presente, o vento pode voltar, durante alguns segundos, as primeiras páginas para leitura. E, por ocasião da morte, essas folhas deixariam de sobrepor e veríamos todo o nosso passado ao mesmo tempo? Seria a passagem do sucessivo à simultaneidade, isto é, do tempo à eternidade? Compreenderemos, então, em sua unidade, o poema ou o episódio misterioso de nossa existência, soletrada, até então, frase por frase? Seria essa a causa de glória que envolve tantas vezes a fronte e a face daqueles que acabam de morrer? Haveria, neste caso, analogia com a chegada do viajante ao cimo de uma montanha, de onde se desdobra, diante dele, a configuração de uma região percebida antes por relances? Pairar sobre a própria história,

adivinhar o sentido dela no concerto universal e no plano divino seria o começo da felicidade. Até então se tinha sacrificado à lei agora se saboreava a beleza da lei. Tinha-se penado sob o chefe da orquestra; tornava-se agora ouvinte surpreso e encantado. Só havia divisado o seu pequeno caminho na neblina; agora um panorama maravilhoso de perspectivas imensas se desdobra de repente diante de sua visão extasiada. Porque?" (Henri-Frederic Amiel, *Fragments d'un journal intime*, vol. II, págs. 172).

Desejando resumir, em um parágrafo final, o que acabou de ser exposto, diremos que, se, quanto às manifestações da "visão panorâmica", os fisiólogos e psicólogos se tinham limitado a afirmar a correlação incontestável, pelas leis da equivalência, entre as atividades opostas, morfológica e psíquica (no significado de uma correspondência paralela, e não de uma conversão absoluta), ninguém teria pensado em contradizê-los. Eles, porém, pretenderam que as suas induções "sobre a rapidez da circulação cerebral" ou "sobre a regressão da memória na histeria" se mostravam suficientes para explicar, fisiológica e psicologicamente, os fatos, sem que restassem, na expectativa de uma solução, questões de outra natureza. Tem-se o dever de reconhecer que, assim apresentadas, as suas presunções foram parcialmente justificáveis, porquanto eles não conheciam ainda a existência da fenomenologia metapsíquica, única capaz de esclarecer os enigmas da psicofisiologia. Isto não impede que o seu ponto de vista, nos dias presentes, pareça bastante acanhado e deficiente para que se espere inverossimilmente que alguém se satisfaça com ele. Ainda que se pense nele, é fato que, quando se estudam os fenômenos em questão em suas multiformes modalidades de manifestação, quando se os

considera em suas relações com o grupo das faculdades supranormais existentes na subconsciência, e se verifica que a característica essencial da "visão panorâmica", isto é, a "simultaneidade", em oposição à "sucessão" na percepção dos estados de consciência, é, também, sob formas diversas, a característica de todas as modalidades de manifestação das faculdades supranormais subscientes, então, é-se levado, inevitavelmente, a concluir que a "visão panorâmica", embora reveladora da existência subsciente de uma "memória sintética", pertence, por sua vez, ao grupo das manifestações supranormais subscientes.

Tais conclusões, combinadas com o fato de que a "memória sintética" é de natureza permanente, indicam que a sua sede não pode ser achada na substância, cambiante por excelência, dos centros corticais, mas que se deve buscar os seus traços em "algo" que é permanente, exterior a esses centros mesmos, ainda que intimamente ligados a eles por natureza.

Ora, esta indução, logicamente necessária, leva a admitir a existência de um "corpo etérico", sede natural das faculdades supranormais subscientes; e a existência de um "corpo etérico" já foi demonstrada, baseando-se nos fenômenos da "exteriorização da sensibilidade", da "autoscopia interna", da "bilocação" e do "desdobramento fluídico" no leito de morte. Já vimos como estas conclusões se tornaram susceptíveis de se acharem validados dedutivamente, assim como o demonstraram o Professor Bergson e o Dr. Geley. Verificamos, além disto, que a tese sustentada por eles era admiravelmente confirmada, ela também, pelas percepções "autoscópicas" de sensitivos sonambúlicos.

Resta, assim, estabelecer que a "memória sintética", donde derivam os fenômenos da "visão panorâmica", pertence ao grupo das faculdades espirituais inerentes à subconsciência humana, faculdades que, lá, existiriam pré-formadas, em estado latente, na expectativa do momento em que surgirão e começarão a se exercer no meio espiritual, da mesma maneira que, no embrião, existem, pré-formadas e em estado latente, as faculdades de sentido terrestre, na expectativa do instante em que surgirão e começarão a se exercer no meio terrestre.

FIM